

7-2013

Carta 31: Kalandula

Arnaldo da Rocha Ferreira

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

da Rocha Ferreira, A. (2013). Carta 31: Kalandula. *Missão Espiritana*, 23-24 (23-24). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol23/iss23/39>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in *Missão Espiritana* by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

CARTA 31: KALANDULA MISSÃO DE KALANDULA, 07 DE MARÇO DE 1996

Caríssimo amigo Sr. P. Quirino

Os meus cumprimentos amigos e votos de boa saúde. Nós por aqui vamos andando como calha pois não é como nós queremos nem certamente como Deus quereria que fosse. Andamos ao mando dos homens...

Acabo de receber a carta de V^a. Rev^a datada do dia 8/2/96, que muito agradeço. Ela não veio nada atrasada nem eu me sinto com direitos e privilégios nem atenções especiais. No entanto muito obrigado pela deferência para comigo.

Tive conhecimento pelo P. Casimiro da valiosa oferta de V^a. Rev^a para compra de medicamentos; como a Irmã Maria de Jesus está de férias mandei que o P. Casimiro lhe entregasse a importância para ela comprar em Lisboa o que não é fácil encontrar aqui, como algodão, gaze, etc. O resto há aqui e talvez mais em conta. Por isso mais uma vez o nosso muito obrigado.

Ainda não recebi qualquer notificação a respeito dos pneus e por isso não poderei fazer qualquer observação sobre o assunto. Logo que tenha dados darei sinal. Mais uma vez o nosso grande obrigado.

Na verdade é para lamentar não me terem dito alguma coisa dos medicamentos que tanta falta nos fazem. No entanto vieram ontem de Malanje, pelos M. S. F. Holandeses três caixas, mas não vêm nem em meu nome nem do da Irmã Maria de Jesus. O nome dela, às vezes, vem errado (vem Sareiva e não Saraiva), mas isso não tem muita importância porque vem o nome da Missão.

A situação por aqui é ainda muito má e sobretudo pelo facto de não podermos circular. Agora nem para o Uije em virtude de uma ponte não dar passagem. Esta situação torna-se para nós enervante e desgastante. Queremos trabalhar, há muito que fazer, e ninguém quer ajudar a resolver pequenos grandes problemas, sem os quais jamais teremos a Paz tão apregoada e falada mas de concreto e real, nada. O tempo é que falará... Continuamos numa autêntica situação de reféns sem se descortinar seja o que for para mudança breve. O motivo que nos leva a estarmos por aqui é o facto de convivermos o dia a dia com o povo que, como nós, não acredita em nada, nem em ninguém. Temos muitos e grandes motivos para permanecer. O motivo principal é a vivência e convivência diária e permanente com o povo, embora não possamos fazer muito porque os problemas do povo só são conhecidos por nós que estamos no terreno com ele.

No próximo Domingo, dia 10, será a Ordenação Episcopal de D. Luís Maria, bem nosso conhecido, amigo e companheiro de trabalho (Cuale, Kiwaba Nzoje, etc.). Não poderei estar presente como desejaria. Que estas privações sejam para pagar os meus pecados e até certo ponto para ver se nos abrem a “porta da gaiola” ...

Não quero terminar sem lhe desejar uma Santas festas Pascais.

Por outro lado quero renovar os meus agradecimentos em meu nome pessoal e de todas as Irmãs.

Fraternalmente,

P. Arnaldo da Rocha Ferreira

CARTA 32: LUANDA LUANDA, 24 DE JUNHO DE 1996

Rev.mo e amigo Sr. P. Quirino

Os meus cumprimentos amigos e votos de boa saúde já que trabalho não lhe falta. Agradeço a carta de V^a Rev^a datada de 18/5/96. Os pneus já chegaram e estão guardados à espera de um transporte para Kalandula ou Malanje. Mais uma vez o meu muito obrigado.

Estou aqui em Luanda para embarcar de férias pois já há quatro anos, digo, três anos que não vou, e além de precisar, também queria ver a minha mãe que se calhar não me vai reconhecer. Paciência. É a vida. Talvez vá partir no dia 26 deste mês. Sim, recebemos os medicamentos, não sei se todos se parte, porque não temos qualquer documento que nos possa dizer os volumes.

Vim por Malanje. Para fazer esta viagem temos de percorrer cerca de 230 kms de picada malíssima. Mas que fazer se não querem abrir a nossa estrada para Malanje, pelo Lombe que seria apenas cerca de 80 kms e estrada boa. São as tais pontes políticas ou económicas...

Finalmente a MISEREOR subsidiou o apetrechamento para a Maternidade. Fiz um pedido em Novembro do ano findo aquando da ida de férias da Irmã Maria de Jesus. Ela própria foi fazer a encomenda a uma casa da especialidade, em Lisboa, e passado pouco tempo eles enviaram uma carta e um fax a fim de fazerem umas pequenas alterações, isto é, em vez de ser material alemão, ser nacional. Por isso vou aproveitar para comprar tudo. Tenho um plano que queria concretizar e que é o seguinte: logo que chegue a Lisboa vou falar com o P. Casimiro para carregarmos um contentor só para Kalandula. Por isso vou ver com ele se consigo que uma firma me ofereça um vazio porque tenho encomendas para o encher. Primeiro o material hospitalar que ocupa bastante espaço. Depois queria ver se conseguia roupa e calçado para os nossos catequistas que andam vergonhosamente vestidos e praticamente descalços. Depois precisava ainda de comprar material para os acabamentos da Maternidade, etc. Também órfãos, internos, professores, trabalhadores que também temos de ajudar com roupa, etc, já que para comer sempre se vai arranjando com os produtos da terra, embora com falta de peixe, carne, mas feijão sempre temos e o povo nos ajuda, embora seja tudo à base de troca, sobretudo roupa. Depois disto quero pedir à Província ou à Solidariedade para me ajudar a pagar o transporte para Luanda do contentor. Aqui em Luanda